

O TRABALHO DO COMUNICADOR DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

THE COMMUNICATOR'S WORK DURING THE COVID-19 PANDEMIC

EL TRABAJO DEL COMUNICADOR DURANTE LA PANDEMIA COVID-19

Roseli Figaro

■ Professora livre docente na Escola de Comunicações e Artes, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP e do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, CPCT, ECA-USP-CNPq.

■ E-mail: roseli.figaro@gmail.com

Janaina Visibeli Barros

■ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, CPCT, ECA-USP-CNPq.

■ E-mail: jvisibeli@gmail.com

Ana Flávia Marques da Silva

■ Mestre e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, pesquisadora do CPCT – ECA/USP.

■ E-mail: anaflaviamarx@usp.br

Naiana Rodrigues

■ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora do CPCT – ECA/USP.

■ E-mail: naianarodrigues@usp.br

Jamir Kinoshita

■ Mestre e Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, pesquisador do CPCT – ECA/USP.

■ E-mail: kinoshita.jamir@gmail.com

João Augusto Moliani

■ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Tecnológica do Paraná, pesquisador do CPCT – ECA/USP.

■ E-mail: guto.moliani@gmail.com

Camila Acosta Camargo

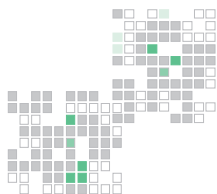
■ Mestre e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora do FMU FIAM-FAAM Centro Universitário, pesquisadora do CPCT – ECA/USP.

■ E-mail: camila.acosta.camargo@usp.br

Daniela Oliveira

■ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, pesquisadora do CPCT – ECA/USP.

■ Email: danifeoli@gmail.com



RESUMO

A pandemia da Sars-Cov-2 acelerou transformações na rotina produtiva de 557 respondentes da pesquisa on-line “Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19?”. Neste artigo, buscou-se identificar os tensionamentos do novo e compulsório cenário, as modificações nas relações de comunicação e trabalho. Os resultados mostram que a maioria dos respondentes passou a fazer home office, sentiu o aumento da jornada de trabalho, utilizou diferentes plataformas para se comunicar e contou com recursos e equipamentos próprios em meio aos temores do desemprego e contágio da doença. Essas condições aprofundam os dilemas que os trabalhadores enfrentam em todo o mundo no cenário de crise econômica e pandêmica.

PALAVRAS-CHAVE: PANDEMIA, COVID-19, TRABALHO, COMUNICADORES.

ABSTRACT

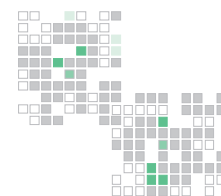
The Sars-Cov-2 pandemic accelerated changes in the productive routine of 557 respondents to the online survey “How do communicators work in the Covid-19 pandemic?”. We sought to identify the tension in the new and compulsory scenario, the changes in the communication and work relationships. Most respondents started to do home office, felt the increase in working hours, used different platforms to communicate and had their own resources and equipment amid fears of unemployment and contagion of the disease. These conditions deepen the dilemmas that workers face worldwide in the scenario of economic and pandemic crisis.

KEYWORDS: PANDEMIC, COVID-19, WORK, COMMUNICATORS..

RESUMEN

La pandemia Sars-Cov-2 aceleró los cambios en la rutina productiva de los 557 encuestados en línea “¿Cómo trabajan los comunicadores en la pandemia Covid-19?”. Buscamos identificar la tensión en el nuevo y obligatorio escenario, los cambios en las relaciones comunicativas y laborales. Los resultados muestran que la mayoría de los encuestados empezaron a trabajar en oficinas desde casa, sintieron el aumento de su jornada laboral, utilizaron distintas plataformas para comunicarse y disponían de recursos y equipos propios en medio de temores de desempleo y contagio de la enfermedad. Estas condiciones profundizan los dilemas que enfrentan los trabajadores ante la crisis económica y la pandemia.

PALABRAS CLAVE: PANDEMIA, COVID-19, TRABAJO, COMUNICADORES.



1. Introdução

Em tempos de pandemia, a informação é elemento fundamental para a defesa da saúde dos cidadãos. Jornalistas, profissionais de relações públicas, publicitários, educadores, gestores e técnicos que organizam e tratam a informação são profissionais que atuam nessa linha de frente, produzindo material para ajudar a sociedade a enfrentar essa crise, com acesso à informação de qualidade sobre como combater o vírus da Sars-Cov-2, as formas de se proteger, garantir suprimentos, movimentar-se e tornar o distanciamento social viável.

A chegada da Covid-19 ao Brasil, assim como em outros países, fez com que as autoridades suspendessem, em diferentes níveis de intensidade, atividades que promovam aglomeração de pessoas. Tal medida leva um grande contingente de trabalhadores e de organizações a reestruturarem os processos de produção e a gestão das relações de comunicação e trabalho, além de exigirem providências quanto às medidas de segurança para salvar vidas. Esse rearranjo também acomete os profissionais da comunicação, que têm vivenciado um contexto de mutação do trabalho (ANTUNES, 2018; HUWS, 2017; DARDOT; LAVAL, 2016), sustentado na otimização produtiva da empresa enxuta, com redução de postos de trabalho formal, fragilização da regulamentação trabalhista, individualização do trabalho e transferência da responsabilidade quanto à detenção dos instrumentos e dos resultados do trabalho.

Em razão das transformações do trabalho dos comunicadores, que já vêm sendo observadas por estudos do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT)¹ e de relatos sobre as

condições de trabalho no início da pandemia, houve o interesse por conhecer a situação desses profissionais com a pesquisa “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?”. Buscou-se compreender como eles enfrentam a doença, realizam suas atividades cotidianas, quais recursos são usados, o que mudou em sua rotina, as tensões sobre o trabalho e seus temores.

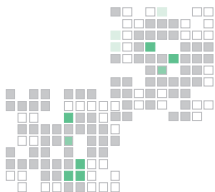
Esses objetivos se relacionam aos pressupostos que analisam as profundas transformações no trabalho dos comunicadores e dos jornalistas em particular (FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013; LELO, 2019; NICOLETTI, 2019), em um cenário mundial de densificação e de precarização das condições de trabalho (ANTUNES, 2002; 2018; HUWS, 2017) e de políticas neoliberais (DARDOT; LAVAL, 2016) que orientam o uso das tecnologias e a reestruturação produtiva (HARVEY, 1992).

A metodologia da pesquisa qualitativa, de interesse social, usa o formulário *online*, com perguntas de múltipla escolha e questões abertas. O *link* ficou disponível de 5 a 30 de abril de 2020, no calor dos acontecimentos e dos temores mais gerais com as desconhecidas informações e a falta de respaldo de políticas públicas no país. Os pesquisadores tiveram apoio de sindicatos, federações de trabalhadores e instituições profissionais e científicas para divulgar o estudo e o *link*. Essa pesquisa inédita mobiliza os aportes de comunicação e trabalho para levantar dados que possam orientar políticas de saúde aos comunicadores. A amostra, não probabilística, foi composta por respondentes que preencheram o formulário.

O questionário revelou inicialmente dados do

¹ As pesquisas sobre o trabalho dos comunicadores, em particular dos jornalistas, mostram a precarização do trabalho, o desemprego e as transformações nas rotinas produtivas motivadas pela reestruturação produtiva, pelo digital e a crise no setor. O CPCT foi fundado em 2003 e é credenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico (CNPq). O binômio comunicação e trabalho permite compreender os processos comunicacionais e a comunicação como trabalho e o trabalho na comunicação. Mais informações institucionais no site www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho.



perfil do profissional: nome, idade, estado civil, filhos, local de trabalho e formação. Tratou ainda de investigar o que havia mudado nas rotinas de trabalho, as ferramentas usadas para realizar sua atividade, se elas eram próprias ou da organização e seus temores no período. Houve também espaço para relatos sobre o contexto vivido, com questões sobre os sentidos do trabalho na pandemia. A partir daí foi gerada uma planilha em arquivo Excel, com as informações categorizadas e analisadas em termos quantitativos e discursivos.

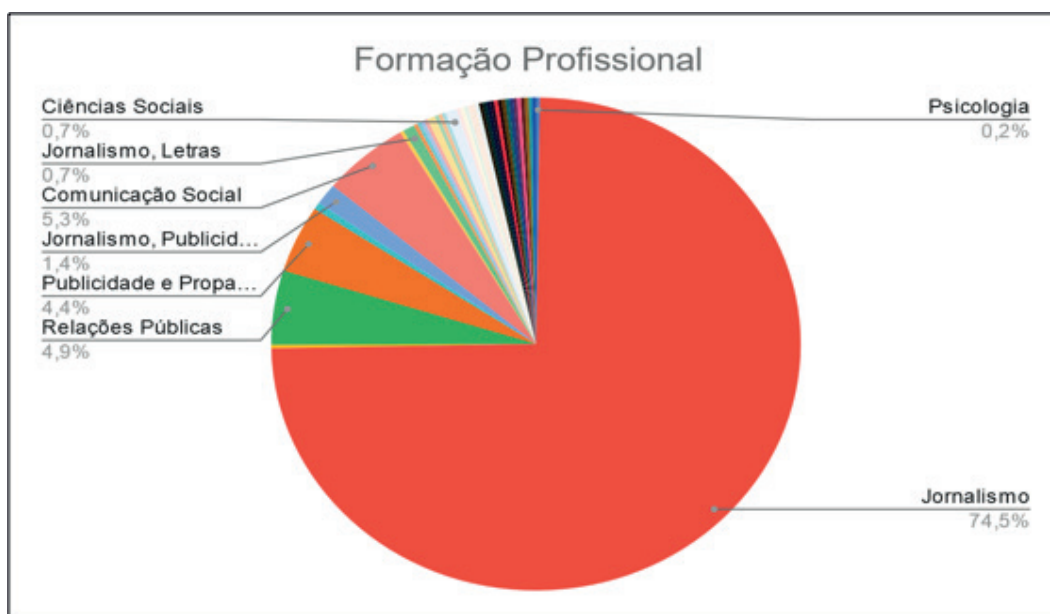
2. Sobre os comunicadores respondentes

Foram 557 respondentes, de 24 estados brasileiros e um de Portugal, sendo 334 mulheres

e 223 homens, de diferentes faixas etárias (19 a mais de 60 anos). A maioria declarou ser casada ou ter união estável e 43,9% têm filhos. São profissionais que atuam em empresas de mídia, organizações públicas e privadas, governamentais e não governamentais e em agências de publicidade, dos quais 74,5% são graduados em cursos de bacharelado em Jornalismo, conforme o Gráfico 1.

Os demais também são formados em comunicação: Relações Públicas, Radialismo e Publicidade e Propaganda. Um pequeno percentual se formou em outras áreas. Ressalta-se que 20% têm pós-graduação (incluindo mestrado e doutorado) e alguns tinham mais de uma graduação.

Gráfico 1



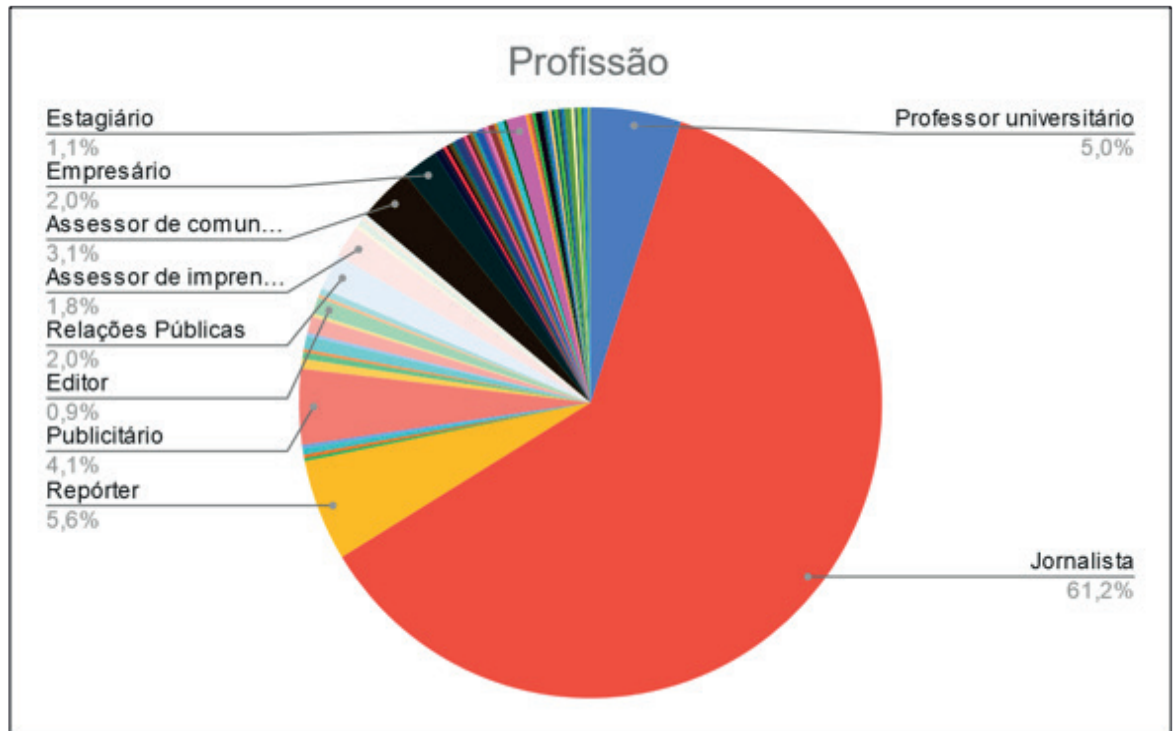
Fonte: Pesquisa CPCT – Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19?

São diversas as funções ocupadas pelos respondentes, que atuam em diferentes suportes. O Gráfico 2 revela que 61,2% trabalham como jornalistas ou em atividades correlatas. O dado,

sobretudo quando confrontado com as informações sobre formação acadêmica, mostra a amplitude de papéis profissionais que eles desempenham a partir da sua formação.



Gráfico 2



Fonte: Pesquisa CPCT – Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19?

O acúmulo de funções e o domínio quanto à produção da comunicação, para diferentes plataformas, é resultado do enxugamento feito pelas organizações, vivenciada desde o início do milênio e intensificada na última década (ANTUNES, 2018; DURAND, 2003). Elas buscam profissionais polivalentes, com competências diversas (SCOLARI, 2008; FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013). A multiplicidade de suportes nos quais trabalham indica que, no concreto do trabalho, a polivalência impede a demarcação de limites entre as profissões e a produção para os meios, diferentemente do que acontecia até a vi-

rada do milênio. Isso e a multitarefa fazem parte da configuração de um novo perfil profissional² para o qual ainda não temos denominação.

Independentemente de sua formação, executam diferentes atividades como jornalista, assessor de comunicação, assessor de imprensa, analista, gerente, CEO, publicitário, diretor e professor. Quando questionados sobre as atividades que executam, narram uma multiplicidade de funções e responsabilidades que vão muito além do quadro tradicional de formação em comunicação, como se vê nos exemplos no Quadro 1.

² As pesquisas de Moliani (2020), Nicoletti (2019), Lelo (2019), Mick (2015), entre outras, mostram os atravessamentos entre funções antes específicas de perfis profissionais da comunicação, sobretudo do jornalismo.

Quadro 1

Profissão	Cargo atual	Atividade que desenvolve
Jornalista	Jornalista	Elaboração de <i>releases</i> , fotografia e vídeo de operações, contato com repórteres.
Jornalista	Gerente	Coordenação e gestão de recursos humanos e técnicos, além do fechamento e apresentação de uma revista eletrônica.
Jornalista	Professor	Planejamento e execução de aulas.
Jornalista	Consultor	Desenvolvimento e implementação de estratégias de comunicação, ações de marketing, treinamento e gestão de mídias sociais.
Jornalista	Analista de Marketing	Produção de ações, trabalho em dia de jogos, licenciamento, produção de conteúdo, captação de patrocinadores e parceiros.
Publicitário	Gerente	Estudo de rentabilidade dos clientes, distribuição da pauta e estudo da produtividade da equipe.
Publicitário	Analista	Análises de cenário e desenvolvimento de estratégias de comunicação.
Relações Públicas	Head de Marketing Digital	Estratégia e planejamento digital.
Repórter	Repórter	Produção de texto para impresso e site.

Fonte: Pesquisa CPCT – Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19?

3. Mudanças no trabalho com a pandemia

A maior parte (80%) afirmou estar em *home office* – há um pequeno grupo que já trabalhava nesse modelo. Quando questionados sobre o que mudou na rotina de trabalho, informaram que não houve alterações significativas, a não ser não poderem mais se locomover por causa da pandemia.

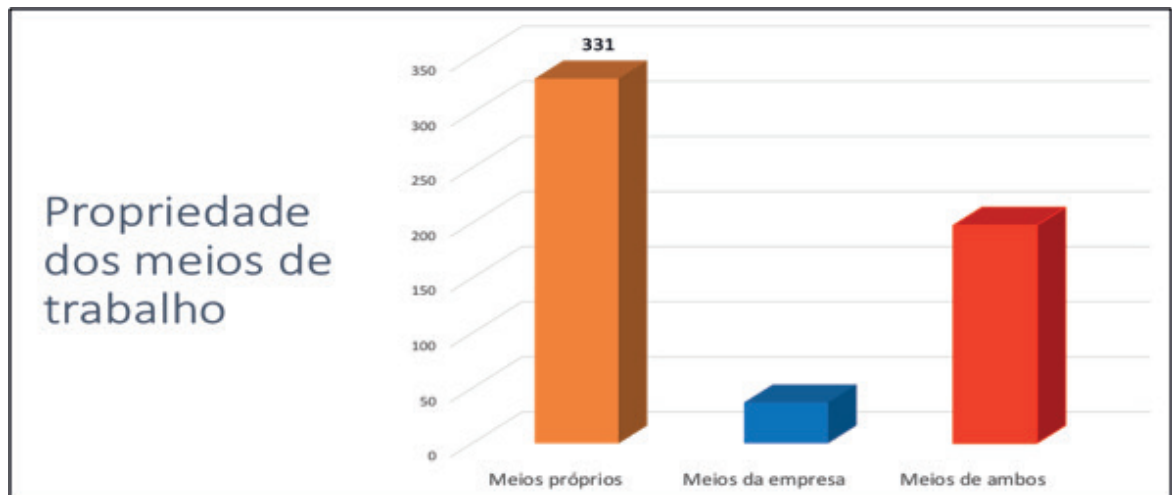
Mas para quem não trabalhava assim ou atuava esporadicamente nesta condição (47%), trabalhar exclusivamente em tal sistema provocou mudanças na maneira de organizar a rotina, de se comunicar e de gerenciar o tempo e o espaço doméstico. Tiveram de aprender a lidar com novos meios de comunicação, armazenamento de dados, tratamento, acesso e apresentação da informação. As relações também sofreram trans-

formações, com reuniões, entrevistas e contato entre equipes mediados por diferentes plataformas virtuais.

O distanciamento social impôs novas formas de coletar informações para construir material noticioso. A maior parte, como se vê no Gráfico 3, usou seus próprios recursos ao passar a fazer o trabalho em *home office*: conexão com internet, energia elétrica, computador, celular, manutenção dos arquivos de texto, de imagens e audiovisuais em bancos de dados privados. Esse fator representa uma deterioração do salário, já que os custos e a manutenção desses meios de produção ficam a cargo dos profissionais, sem nenhum acréscimo ao valor que recebem para realizar seu trabalho.



Gráfico 3



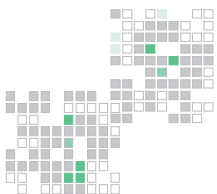
Fonte: Pesquisa CPCT – Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19?

As mutações do trabalho, especialmente dos processos de dissolução dos direitos sociais dos trabalhadores na última década (ANTUNES, 2018), indicam um cenário de relações trabalhistas flexíveis, nas quais cada vez mais se vivencia o processo de atuação em *home office*. Nesse sentido, o trabalho remoto contribuiu para acentuar a plataformização do trabalho, entendida como a crescente dependência de plataformas digitais para conseguir ou se manter em uma atividade de trabalho (GROHMANN, 2020). A esse contexto problemático agregam-se as falas dos respondentes e os dados sobre como as organizações não estavam preparadas para lidarem com o trabalho na pandemia.

O trabalho enquanto atividade humana é imbuído de novas práticas e sociabilidades, reque-rendo inéditos usos de si, por si mesmo e pelo outro (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). Há que se criar nova normatividade, sem fórmula prévia, de gerir a si mesmo no tempo pandêmico e no espaço da casa para que a atividade de trabalho possa se concretizar. A fala do produtor cultural de uma instituição de ensino mostra os dramas que se têm vivenciado.

O trabalho está sendo feito em casa. Os programas gerados [...] são enviados pela internet para um colega que está de plantão, no esquema de revezamento instituído para o momento. Nem todo colega tem facilidade com internet, então tenho que antecipar o material de acordo com a disponibilidade de colegas que sabem lidar com esse tipo de download. Em casa, dependendo do meu próprio equipamento e dos serviços que pago [...] Entrevistas são feitas pelo WhatsApp, mas os artistas e pesquisadores estão sendo muito receptivos e compreensivos. Em geral, são pessoas jovens, mais afeitas às novas tecnologias. Provavelmente terei que encontrar outra solução se me deparar com uma pauta com pessoas mais velhas. Com elas, funciona melhor o telefonema gravado, que é comum fazer no estúdio da rádio, mas que eu teria ainda que estudar como fazer com meu equipamento [...]

Coube ao trabalhador a responsabilidade de deter e gerir os meios para realizar sua atividade. Sem eles, o comunicador teria dificuldades de defender seu emprego. Além da responsabilidade



sobre o conteúdo que produz, há o aumento da tensão sobre o trabalho, que fica ameaçado pela falta dos recursos necessários. Outro aspecto é a administração que se tem de fazer de si e dos outros, daqueles dos quais depende para realizar sua atividade: “*Nem todo colega tem facilidade com internet [...]*”. Ao dizer isso, o produtor revela a dificuldade dos colegas de trabalho para lidarem com o produto que ele produz e a manobra realizada para solucionar o problema.

A fala trata da atividade industriosa de todo ser humano e que demanda o uso integral de si, desde o planejamento de como se faz até o momento mesmo do fazer (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). É a gestão de si no trabalho, e para esse exercício também é necessária a gestão do outro, dos tempos, das entregas, dos envios do material produzido. Há um reinventar-se no trabalho; daí certo desconforto, cansaço e o sentido de estresse.

Ao se ver obrigado a ter de dominar o manuseio de novos aplicativos e *softwares*, o profissional é forçado a dispor de conhecimentos inéditos para poder utilizar tais mecanismos, responsáveis pela organização do processo produtivo. Para desenvolver essa nova competência, ele tem de empreender tempo e esforço em sua própria formação e fora do momento em que trabalha. Isso o leva a buscar um conhecimento que, muitas vezes, está disponível em outras plataformas (como os tutoriais no Youtube). Esse tempo de aprendizagem, que não é reconhecido como trabalho, se torna mais um elemento de intensificação do labor na pandemia.

Ao dizer que tem feito entrevistas com artistas e pesquisadores pelo *WhatsApp* e que eles “[...] são pessoas jovens, mais afeitas às novas tecnologias [...]”, o respondente revela outros aspectos da gestão de si por si mesmo e de si pelos outros. Até então, o produtor cultural só tinha vivido a experiência de entrevistar um público que dominava a plataforma escolhida para a comunicação.

Todavia, ele mesmo faz a ressalva de que com pessoas mais velhas terá “[...] *que encontrar outra solução [...]*” porque com elas “[...] *funciona melhor o telefonema gravado, que é comum fazer no estúdio da rádio [...]*”. Mas precisará ainda verificar como realizar isso com seu próprio equipamento. Ou seja, os dilemas do mundo do trabalho não se apaziguam com a evolução das forças produtivas.

O relato revela também dilemas éticos do profissional. Sem os recursos necessários, em uma situação na qual a fonte não domine a plataforma de comunicação, ele terá de escolher entre o entrevistado, o conteúdo e as condições de entregar um programa de rádio. Assim, o trabalhador pode se ver impedido de tratar dos temas socialmente relevantes ou de veicular vozes de fontes dissonantes do *status quo*, mesmo que tenham maior domínio sobre o assunto, por não dispor das condições mais amplas para alcançá-los, o que mostra o quão excludente pode ser esse modelo de trabalho.

Com o distanciamento social, novos protocolos foram estabelecidos para entrevistas e cobertura de eventos. A Covid-19 aparenta iniciar uma nova estética de produção do conteúdo noticioso, especialmente o audiovisual, como aponta o respondente que atua como repórter:

Acredito que outra possibilidade é que as questões de estrutura e logísticas que vêm sendo repensadas e podem ser otimizadas posteriormente. O que pode mexer nas relações de trabalho. Como o aproveitamento de vídeos gravados sem a pessoa estar na redação, a escrita de matérias fora da redação, produções de rádios fora da redação.

Devido à pandemia, o comunicador não pode se locomover para buscar a informação. Essa coleta tem sido feita pelos próprios entrevistados, a partir de roteiros que orientam como realizar



gravações audiovisuais. Isso ocorre, muitas vezes, com os recursos da própria fonte e ela nem sempre cumpre com o que é esperado, como explica o respondente produtor de conteúdo: “A distância reforçou uso de ferramentas como WhatsApp e e-mail, mas exige que as situações sejam ainda mais explicadas e detalhadas para evitar o retrabalho [...]”.

O trabalho já solicita atenção, mas com o *home office* é preciso ter mais cuidado com as informações solicitadas, além da precaução necessária em seu tratamento. Outro aspecto é a relação do trabalho com a família, como atesta o subeditor de um veículo de comunicação: “Agora trabalho em casa, o que dificulta a concentração com filho em casa, além do estresse maior e ansiedade por estar o tempo todo lendo, ouvindo e acompanhando informação sobre a Covid-19.”

O depoimento expressa o desconforto existente no espaço do trabalho em casa. A família que também está em situação de afastamento social demanda mais atenção, sobretudo os filhos. Além de infraestrutura para comportar todos em casa ao mesmo tempo e o tempo todo, há a atenção necessária com as crianças, que precisam de espaço para o desenvolvimento da sociabilidade e o trabalho precisa ser reorganizado para abrir essas brechas. Tudo se torna mais penoso porque a configuração do tempo/espaço de vida e de trabalho se fundiram. Tem-se aí a tensão, o estresse e a ansiedade, aspectos que indicam baixa qualidade das condições de saúde no trabalho. O jornalista de mídia alternativa mostra bem o que mudou no trabalho em *home office* na pandemia.

As horas de trabalho home office aumentaram, as fontes e fluxos de pesquisa para filtro da linha editorial do programa de informação que apresento se ampliaram. Contatos com profissionais, pesquisadores da área da saúde bem como do setor da economia em escala antes não tão aprofundada. [...] As dificuldades

de operacionalização do sistema brasileiro na pasta de saúde, economia, social... [...] As fake news a favor de destruir o trabalho da comunicação. Os reinventos com lives e entrevistas via fone para manter a qualidade da informação.

O relato narra os aprendizados pelos quais o trabalhador teve de passar, de “*reinventos*”, e que são muitos: do domínio de novas linguagens, a partir da comunicação por plataformas ou adaptação do material para diferentes meios, aos conteúdos com os quais necessita lidar. Aponta o esforço para conseguir cumprir seu trabalho, (in)formar a sociedade traduzindo esse conteúdo. É preciso ter disposição para se formar, compreender a complexidade da pauta e depois fazer a tradução, o que demanda tempo e precisa ser feito com responsabilidade. Além de revelar o esforço e desgaste para realizar sua atividade, o respondente faz ver seu incômodo quanto à falta de reconhecimento de sua atividade como um serviço essencial: *As fakes news a favor de destruir o trabalho da comunicação.*”

Ele lembra que as transformações do mundo do trabalho da comunicação já estavam acontecendo e a pandemia só acelerou as mudanças e a sua naturalização entre os profissionais. Corroborando essa fala um número expressivo de pesquisas³ sobre os perfis de jornalistas e comunicadores em diferentes países. A pandemia tornou-se um dínamo de aceleração do processo de transformações sem o devido apoio aos trabalhadores.

4. Sobre a intensificação do trabalho

Para 70% dos respondentes, o ritmo de trabalho está um pouco mais pesado ou muito mais pesado. As respostas estão vinculadas ao tipo de

³ Além das pesquisas brasileiras, podemos citar MELLADO, C. et al. The hybridization of journalistic cultures: a comparative study of journalistic role performance. *Journal of Communication*, v. 67, n. 6, 2017.

atividade e à experiência anterior com o *home office*. Há casos em que esse aumento se deu também porque a demanda de trabalho subiu. Porém, pelos relatos, vemos que são outros os motivos que levam os trabalhadores a se sentirem pressionados.

Pelo Gráfico 3 e a fala do produtor cultural, a maioria utiliza equipamentos próprios, muitos dos quais desatualizados e com dificuldades para processar e armazenar o tipo de arquivo gerado. A isso se somam os problemas de conexão com a internet, que dificultam o tráfego de dados e a comunicação pessoal, e a falta de acesso remoto aos bancos de dados da organização e, consequentemente, aos documentos, arquivos de imagens e audiovisuais.

Com o isolamento social e o trabalho *home office*, os profissionais têm de tomar muito mais cuidado para explicar o que precisam de outras pessoas. Há um volume maior de retrabalhos e demora para conseguir as informações e realizar levantamento ou apuração. A informação chega fragmentada, o que leva o trabalhador a ficar disponível o tempo todo, conectado às redes sociais, ao e-mail e a outras formas de comunicação remota. A pandemia trouxe a necessidade de mais esclarecimentos sobre dados e um volume muito maior de informações para tratar e atualizar. Aqui se imbricam comunicação e saúde, na acepção de que as interações pessoais, a informação e os afetos que as relações de comunicação (FIGARO, 2008) permitem consolidar são, de fato, condição *sine qua non* para a qualidade de vida.

O trabalho mediado por aplicativos e outros *softwares* é o catalisador para o engajamento pleno do profissional. Não é somente o fluxo de informação que exige a total disponibilidade, mas a lógica de extração do valor do próprio trabalho, única mercadoria capaz de gerar mais valor. Isso é aferido pelo aumento da jornada de trabalho entre os respondentes, que passaram a trabalhar exclusivamente através das tecnologias de infor-

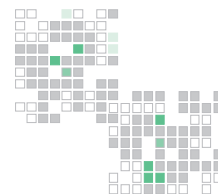
mação e comunicação. Na sociedade capitalista, o tempo adquire a dimensão de mercadoria. Para Harvey (1992, p. 190):

[...] sob a superfície de ideias do senso comum aparentemente naturais acerca do tempo e do espaço, ocultam-se território de ambiguidade, de contradição e de luta. [...] Os conflitos surgem não apenas de apreciações subjetivas admitidamente diversas, mas porque diferentes qualidades materiais objetivas do tempo e do espaço são consideradas relevantes para a vida social em diferentes situações. Importantes batalhas também ocorrem nos domínios da teoria, bem como da prática, científica, social e estética.

A comunicação estabelecida pelos meios digitais altera as relações no processo produtivo, influenciadas pelas lógicas do dispositivo comunicacional e do *mídiun*, o qual circula a mensagem. Conforme Maingueneau (2004, p. 79), “[...] o escrito não é uma mera representação do oral, nem o impresso uma simples multiplicação do escrito.” Para ele, oral, escrito e impresso são “[...] regimes de enunciação distintos [...]” que revelam culturas diferentes. No caso do jornalismo, o trabalho de apuração aumentou e, em razão das circunstâncias e do contexto político negacionista da doença, exigiu maiores cuidados com a apuração e a checagem dos fatos.

Para aqueles que não puderam ficar em casa, os protocolos de segurança e cuidados da própria saúde, o medo de serem contaminados e contaminarem seus familiares, juntamente com a redução dos quadros de trabalhadores na organização, intensificaram o trabalho.

Questionados se houve aumento ou redução da jornada de trabalho, 307 respondentes declararam que sim, sendo que 57 (18,5%) tiveram redução de horas em suas jornadas convencionais: para 80% a queda foi de uma a quatro horas e



para 12%, de cinco a oito horas por dia. Por sua vez, 250 (81,5%) relataram acréscimo de horas em suas jornadas habituais: 45,6% apontaram aumento em até duas horas e meia e 40%, elevação de três a seis horas diárias. Os demais (10,8%) não sabiam quantificar o aumento da jornada ou tiveram aumento de sete a 11 horas (3,6%) semanais. Os dados também revelam a necessidade de manutenção da produtividade dos trabalhadores. O acréscimo de tarefas a serem feitas e renormalizadas (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007), junto à ampliação da carga horária, devido a novos procedimentos de gestão de si e de outros, aumenta a densificação do trabalho e o estresse.

Com o não deslocamento para o local de trabalho era esperado que esse tempo morto fosse destinado a outras atividades pessoais. No entanto, compensa-se esse tempo morto trabalhando em casa para a empresa. Isso se dá pela dificuldade de gerir o tempo e a rotina de trabalho, misturada com a rotina doméstica, criando uma jornada de trabalho permanente. Contribuem também para mobilizar o profissional a trabalhar e se manter produtivo (DURAND, 2003) o medo de perder o emprego ou de ter redução do salário e as incertezas sobre o futuro.

5. A gestão do ambiente doméstico

Chamou atenção o número de comunicadores com filhos (43,9%) já que em pesquisas anteriores realizadas pelo CPCT⁴, especialmente por Figaro, Grohmann e Nonato (2013), essa quantidade era bem menos representativa.

Os profissionais pais e mães, além de administrarem uma nova rotina de trabalho, também precisam cuidar dos filhos e das atividades domésticas. Necessitam ter mais atenção para delimitar tempo de trabalho e tempo da família. O espaço da casa tem de ser redistribuído, respeitando a

demanda dos filhos, dos(as) companheiros(as) e de suas próprias necessidades ao trabalho. Os recursos que permitem a comunicação remota, em muitos casos, são compartilhados com a família, estendendo as jornadas de trabalho e aumentando a sensação de cansaço e de esgotamento.

A organização da família com filhos demanda custos maiores e tempo para acompanhar a sua formação e educação. Vários mães e pais estão com mais dificuldade nas atividades em *home office* por se ocuparem também com os afazeres vinculados às crianças: “A capacidade de concentração em cada tarefa diminuiu. Trabalhando de casa, tenho interrupções constantes de filhos.” O respondente que atua em agência de comunicação mostra como a atenção do trabalhador, no ambiente doméstico natural dos filhos, passa a ser dividido com o trabalho.

O impacto de trabalhar em casa com os filhos carrega alguns significados: eles precisam da atenção dos pais para suas atividades domésticas e as escolares; o trabalho precisa de um ambiente adequado e o espaço doméstico necessita ser dividido com o filho e com o(a) companheiro(a); e a intermitência das atividades impede que se estabeleçam limites entre o tempo para o trabalho, a família e as atividades domésticas. Trata-se de uma reorganização coletiva, com novos aprendizados e conquistas em relação à coexistência dessas diferentes atividades em um mesmo espaço e tempo.

Em razão do período da pesquisa no início ainda das quarentenas, apenas um respondente reclamou do aumento dos valores nas contas de casa, mas muitos trabalhadores em *home office* tiveram elevação dos custos de energia elétrica, além daqueles que precisaram melhorar serviços antes não tão necessários, como a conexão de internet doméstica. Vários profissionais deixaram de receber benefícios, como ajuda para refeição, porque passaram a se alimentar em casa. No entanto, não houve colaboração das organizações

⁴ Essas pesquisas podem ser consultadas no link www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/pesquisas/.

para lidar com os novos custos de se trabalhar em casa, que foram assumidos pelo trabalhador.

Tais questões implicam na necessidade de organização dos profissionais e na importância de que as pesquisas redundem em políticas públicas de proteção do trabalho e da saúde dos trabalhadores. Dejours (1992) já salientou o sofrimento no trabalho e a dubiedade com a realização profissional. Reimberg (2014; 2015) trata do sofrimento no trabalho e a identidade do jornalista como aspectos estruturais de um modo de ser da indústria da comunicação. Esses aspectos foram aprofundados na Covid-19, com o afastamento social e o teletrabalho.

6. Considerações finais

Quando olhamos para o que mudou na rotina de trabalho dos comunicadores na pandemia, a primeira indicação é a mudança na organização do trabalho. Apresentamos os vários elementos que provocam isso, como a alteração do espaço físico onde se trabalha – da empresa para a casa. Há ainda a alteração da rotina da casa, pois todas as pessoas da família, exceto aqueles que moram sozinhos, também migraram para o *home office*. Como muitos dos respondentes têm filhos, as crianças ocupam o espaço da casa para terem aulas *on-line* e exigem atenção de pais e mães no período de estudo.

As rotinas produtivas também foram alteradas porque aumentaram as horas a serem trabalhadas e o volume de trabalho, sendo que grande parte do desconforto e da insegurança é causada pela mudança com os temas do conteúdo a ser produzido. São muitas as alterações ao mesmo tempo e em condições gerais de insegurança de saúde pública e de crise econômica, esta última desencadeadora de instabilidade quanto ao emprego, ao contrato, ao projeto etc. O resultado é a sensação de cansaço constante e de insegurança em relação ao futuro do trabalho. São muitos os elementos a serem geridos, a grande maioria

novos, que aumentam a responsabilidade do comunicador sobre a qualidade da informação produzida para a sociedade.

As plataformas de comunicação participam do processo produtivo, da gestão e do controle do trabalho dos profissionais, que estão reaprendendo a fazer seu trabalho com elas. O uso de aplicativos para a realização de tarefas e a gestão e comunicação do trabalho é um elemento importante de pressão pela produtividade e de aumento da jornada de trabalho, o que contribui para a sensação de cansaço e esgotamento.

Outra dramática é a ausência de recursos nas condições necessárias para trabalhar, que se torna um impedimento para a realização do trabalho, podendo impactar na manutenção do trabalho. A maioria das empresas não estava preparada para o trabalho virtual e não dispõe de sistemas de segurança para permitir o acesso remoto ao servidor corporativo. Tanto organizações quanto trabalhadores ficam reféns das plataformas de comunicação, especialmente Google e Facebook. As mais bem preparadas para a situação ainda são os conglomerados de mídia.

A pandemia, uma situação de suspensão da normalidade, solicitou a reação da sociedade para o controle da doença e a manutenção da vida. Contudo, é importante observar como se criou um ambiente favorável para a aceitação do ordenamento produtivo de mutação do mundo do trabalho, que já estava em andamento, no que tange à transferência para o trabalhador das responsabilidades de deter os meios necessários para realizar seu trabalho, ser gestor de si mesmo, acumular atividades e flexibilizar seus direitos trabalhistas. Nesse sentido, a Covid-19 colabora significativamente para a naturalização do *home office* e dos reordenamentos advindos dele, sem que se considerem os impactos para a vida do trabalhador.

Como apresentou o respondente da mídia alternativa, algumas mudanças já estavam em cur-



so e o cenário de pandemia foi o dínamo acelerador delas. Entretanto, essas circunstâncias não podem ser encaradas como dadas e determinadas. Qualquer discussão sobre as contradições entre trabalho e capital precisam refletir questões

como o rumo civilizacional das sociedades como um todo e em seu conjunto, haja vista que este tema transborda para questões estruturais para a compreensão da totalidade da realidade que vivemos.

Referências

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2002.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DURAND, J. P. A refundação do trabalho no fluxo tensionado. In: *Tempo Social*. São Paulo: USP, abr. 2003, p. 139-158.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

FIGARO, R. *As relações de comunicação no mundo do trabalho*. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

FIGARO, R.; GROHMANN, R.; NONATO, C. *As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas*. São Paulo: Salta, 2013.

GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *Eptic*. V. 22, n. 1, 2020.

HUWS, U. *A formação do cibertariado*. Trabalho virtual em um mundo real. Campinas: EdUnicamp, 2017.

LELO, T. V. *Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestação de identidade profissional*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, São Paulo, 2019.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MELLADO, C. et al. The hybridization of journalistic cultures: a

comparative study of journalistic role performance. *Journal of Communication*, v. 67, n. 6, 2017.

MICK, J. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. *Pauta Geral*, V. 2, 2015, p. 15-37.

MOLLANI, J. A. *O trabalho em agências de comunicação: processos produtivos e densificação da atividade no jornalismo de cabo preso com o cliente*. Tese de doutorado, 2020. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

NICOLETTI, J. *Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise*. Tese doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

REIMBERG, C. Prazer e sofrimento no trabalho do jornalista. *Anais do Congresso da Intercom*. Foz de Iguaçu, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1479-1.pdf>

REIMBERG, C. *O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho*. Tese doutorado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php>

SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. *Trabalho & Ergologia*. Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Eduff, 2007.

SCOLARI, C. *Hipermediações: elementos para uma teoria de la comunicación digital interactiva*. Barcelona: Gedisa, 2008.

